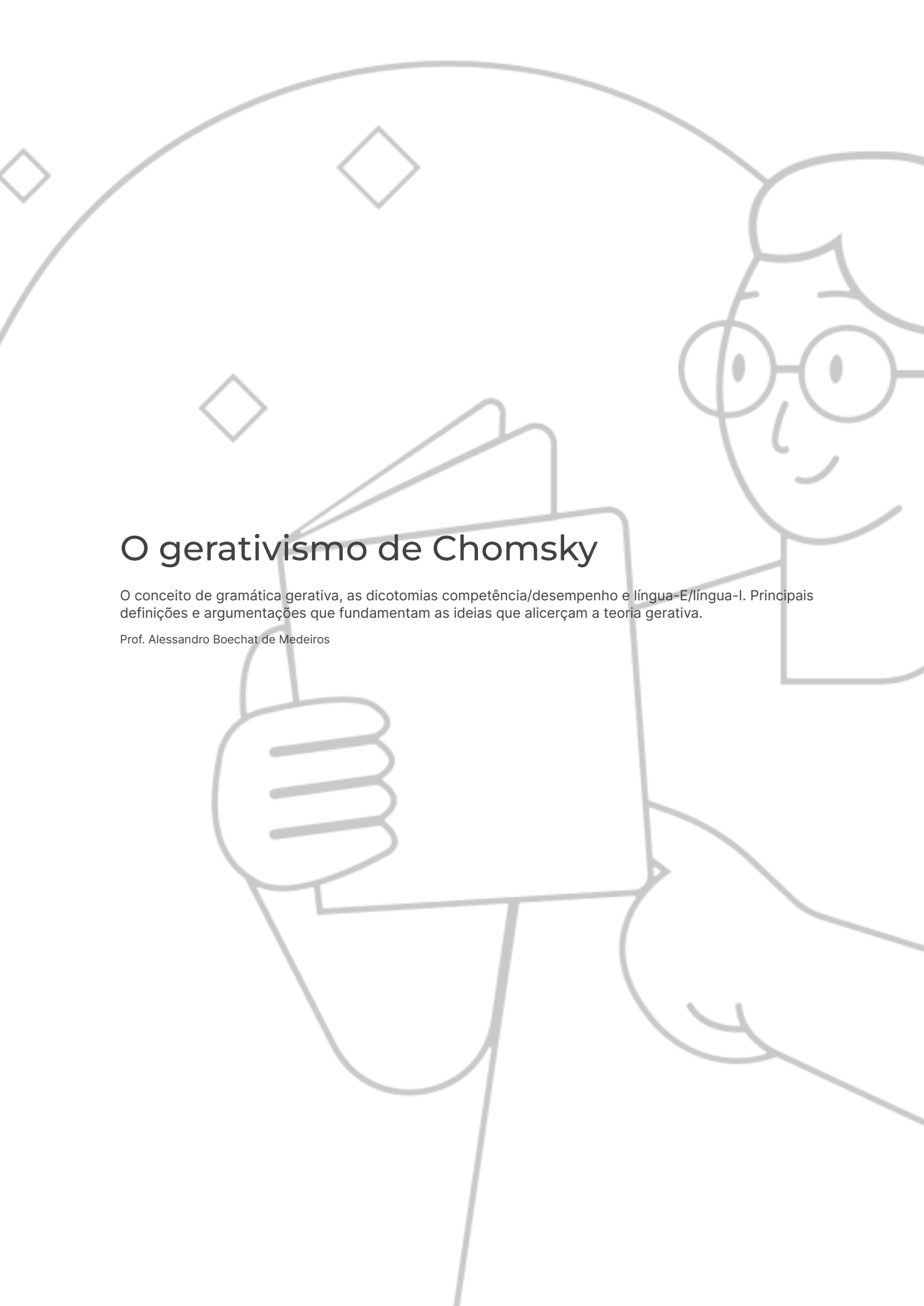




O gerativismo de Chomsky

O conceito de gramática gerativa, as dicotomias competência/desempenho e língua-E/língua-I. Principais definições e argumentações que fundamentam as ideias que alicerçam a teoria gerativa.

Prof. Alessandro Boechat de Medeiros

Propósito

Compreender as principais ideias e os argumentos defendidos por Noam Chomsky e outros linguistas gerativistas na revolução cognitiva permite a identificação das importantes influências na ciência da linguagem até os dias de hoje.

Objetivos

- Descrever o conceito de gramática gerativo-transformacional.
- Reconhecer o conceito de gramática universal e suas diferentes formulações.
- Relacionar as implicações da gramática universal à aquisição da linguagem.

Introdução

A linguagem humana é inata, nascemos com ela, ou é algo que temos de aprender? O que torna possível qualquer ser humano adquirir uma língua? Por que a criança, antes mesmo de ir à escola, é capaz de elaborar sentenças que nunca falou e que apresentam alguma ordem ou relação sintática?

Essas são algumas questões que provavelmente já vieram à sua mente ao refletir sobre a linguagem ou ao observar como uma criança ainda muito novinha começa a pronunciar as primeiras palavras. Na verdade, vários pensadores e pesquisadores se ocuparam de problemas relacionados à linguagem humana e ao modo como ela se manifesta e se desenvolve.

Na Filosofia, nas Ciências Sociais, na Psicologia e na Linguística, há diferentes metodologias, enfoques e teorias para desvendar e compreender o fenômeno da linguagem. Na primeira metade do século XX e no começo de sua segunda metade, correntes teóricas na Psicologia e até na Linguística defendiam que ela se desenvolve no ser humano, principalmente, a partir de condicionamentos e respostas a estímulos externos, ou seja, a criança começa a falar imitando alguns comportamentos e formando determinados hábitos.

No final dos anos 1950, o linguista norte-americano Noam Chomsky provocou uma revolução na maneira de pensar o fenômeno da linguagem humana ao propor uma teoria inovadora da aquisição da linguagem. Para isso, Chomsky elaborou conceitos originais sobre a gramática e o funcionamento da língua.

Neste conteúdo, você vai estudar os principais conceitos que norteiam a linguística de Chomsky, comumente denominada linguística gerativa, elaborados desde o início da primeira metade do século XX e desenvolvidos ainda nas primeiras décadas do século XXI.

Contexto do surgimento do gerativismo

Muitos assumem como marco inicial da escola gerativa na Linguística (também conhecida como gramática gerativo-transformacional ou, simplesmente, gramática gerativa) a publicação do livro *Syntactic structures* em 1957, de autoria de Noam Chomsky. No Brasil, *Estruturas sintáticas* foi publicado em 2015.



Noam Chomsky

Além de linguista, filósofo e matemático de fama internacional, Chomsky também tornou-se uma celebridade pelo seu ativismo político. Professor por mais de 40 anos no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), mudou-se para a Universidade do Arizona, em Tucson, em 2017.

No entanto, ainda em 1957, Chomsky submeteu sua famosa resenha para o livro *Verbal behavior*, escrito por Burrhus Frederic Skinner. Apesar de ter sido submetida em 1957, a resenha só foi publicada dois anos depois.



Burrhus Frederic Skinner

Psicólogo e filósofo norte-americano, além de ser um dos principais representantes do behaviorismo, Skinner (1904-1990) dedicou-se a pesquisas sobre linguagem e aprendizagem. Entendia que a educação devia ser planejada, programada passo a passo, para obter os resultados desejados na formação ou “modelagem” do aluno. Para ele, o pensamento é comportamento, podendo ser verbal ou não. Segundo Skinner, a linguagem é “comportamento verbal” adquirido a partir de respostas a estímulos do ambiente.

O livro *Estruturas sintáticas* e a resenha de Chomsky fizeram uma crítica contundente à pesquisa linguística até aquele momento. Vejamos dois exemplos dessa crítica a seguir:

- Mostrar as limitações dessas abordagens e de suas concepções.
- Questionar a ideia de que a aquisição da linguagem decorre da formação de hábitos ou da imitação de certos tipos de comportamentos, como defendiam psicólogos behavioristas e boa parte dos linguistas estruturalistas nos Estados Unidos.

Psicólogos behavioristas

Explicavam os fenômenos da mente por meio da análise dos comportamentos que podem ser observados, ou seja, eles propunham uma análise experimental do comportamento. Os behavioristas estudavam as relações entre os estímulos e as respostas que os indivíduos davam ao serem estimulados.



Saiba mais

O linguista Leonard Bloomfield, um importante representante da explicação comportamental para a aquisição da linguagem, entendia que a língua se adquire por meio da repetição. O ato de fala corresponderia a um tipo específico de comportamento, enquanto a comunicação seria um tipo de resposta a um estímulo.

Assim, seria acertado dizer que esses dois trabalhos, complementares por natureza, são o que historicamente pavimentam a perspectiva gerativa no mundo das ideias linguísticas do século XX.

Chomsky será, com efeito, a figura central nesse movimento, redefinindo os objetivos da ciência linguística e cunhando uma série de conceitos que passam a orientar as pesquisas sobre línguas naturais a partir de 1960. Particularmente, ele propõe um retorno ao racionalismo dentro do estudo da linguagem, contrariando tanto o pensamento de matriz empirista, que orienta a psicologia behaviorista, quanto o estruturalismo americano na Linguística.

Talvez você esteja se perguntando:

O que significa ser racionalista ou empirista?

Em linhas gerais, de maneira bastante resumida, os racionalistas defendem que trazemos ideias inatas, conhecimentos que não adquirimos (os quais, de fato, não podemos adquirir) com a experiência. São como proposições impressas em nossa mente/cérebro desde o nascimento.

Já o empirismo, que tem como expoente no século XVII o pensador liberal inglês **John Locke (1632-1704)**, alega que somos *tabula rasa*, ou seja, que não possuímos conhecimentos inatos, não nascemos com ideias impressas em nossa mente. Para essa corrente, temos determinadas habilidades, faculdades, que nos tornam capazes de converter experiências em conhecimento.

John Locke (1632-1704)

Filósofo inglês que, além de ser um expoente do Empirismo, era também um importante representante do individualismo liberal. Na política, Locke defendeu ideias liberais e foi o primeiro a apresentar a divisão do Estado em três poderes distintos. Em sua obra *Ensaio acerca do entendimento humano*, publicada em 1689, Locke apresenta sua teoria sobre a aquisição do conhecimento.

Observe a seguinte proposição:

"Se a é igual a b, e b é igual a c, então a é igual a c."

Conhecida como a propriedade de transitividade da relação de igualdade, essa proposição nos ajuda a entender as perspectivas racionalista e empirista. Observe a comparação a seguir:



Perspectiva racionalista

A proposição exprime um conhecimento que todos nós possuímos, mesmo que não tenhamos consciência disso. Um conhecimento que já trazemos conosco quando nascemos, uma ideia inata.



Perspectiva empirista

A proposição é aprendida ou formulada a partir das experiências e de nossas capacidades de fazer analogias e de capturar elementos comuns de experiências distintas.

É importante isto ficar claro: as capacidades ou habilidades assumidas pelos empiristas não são conhecimentos ou ideias.

Os **gramáticos de Port Royal**, no século XVII, são alguns dos expoentes do racionalismo europeu.

Gramáticos de Port Royal

A Gramática de Port Royal surgiu na França, em 1660, escrita pelo padre, teólogo e filósofo Antoine Arnauld e pelo monge e gramático Claude Lancelot. Essa gramática passou a ser o modelo para muitas gramáticas daquele momento. O consenso na época é que a linguagem estava fundada na razão e refletia o pensamento. Logo, os princípios de análise deveriam ser universais para qualquer língua.

A Linguística norte-americana do século XX - particularmente aquela influenciada pela psicologia behaviorista - terá uma clara orientação empirista, assumindo que nossas dotações naturais não passam de faculdades que nos permitem fazer generalizações, abstrações etc. Ela também defende que nossos comportamentos linguísticos são consequência de uma complexa trama de estímulos, de respostas a esses estímulos (normalmente imitação de comportamentos de outros) e de reforços positivos ou negativos a tais respostas ao longo de nossa história individual.

Chomsky, no entanto, questiona esse quadro. Ele mostra que boa parte do que sabemos sobre a língua não está presente nos estímulos linguísticos que recebemos. Para ele, as faculdades de generalização e abstração, entre outras, assumidas pelos empiristas não são suficientes para explicar os conhecimentos linguísticos que os falantes adultos detêm de sua língua.



Noam Chomsky.

Desse modo, se parte do que sabemos da língua não está nos estímulos que recebemos, para onde nos conduz Chomsky?

Refleta um pouquinho sobre isso antes de seguir.



Reflexão

Se pelo menos uma parte daquilo que sabemos não está nos estímulos (na experiência), essa parte não pode ser explicada por qualquer perspectiva empirista - e, em particular, pelo behaviorismo. Logo, é preciso retomar a posição racionalista para explicar pelo menos uma parte do conhecimento linguístico dos falantes adultos. Conhecido como argumento da pobreza do estímulo, esse argumento será detalhado mais adiante. É com base nele que a escola gerativa, racionalista do ponto de vista filosófico, propõe uma forma de inatismo ou nativismo para explicar a aquisição da língua. Ela defende que os seres humanos vêm ao mundo dotados de conhecimentos especificamente linguísticos (ou princípios linguísticos estruturantes); impressos em sua mente, eles facilitam ou mesmo possibilitam a aquisição de uma língua natural. Tais princípios estão presentes no estado inicial da faculdade da linguagem humana, chamada por Chomsky de gramática universal. Eles possibilitam a aquisição da linguagem, ou seja, são a causa da universalidade, rapidez e uniformidade da aquisição linguística entre humanos.

Conceito de gramática gerativa

Ao contrário da concepção de gramática como um conjunto de regras prescritivas para falar e escrever corretamente, o conceito de gramática na Filosofia, na Linguística e, em particular, na gramática gerativa é completamente outro.

Assumindo que uma **língua L** seja um conjunto de sentenças finitas em extensão constituídas de um conjunto finito de elementos (CHOMSKY, 1957), Chomsky entende por gramática gerativa dessa língua L um sistema de regras explícito que fornece descrições estruturais completas e bem definidas de todas as sentenças de L - e somente delas (CHOMSKY, 1965).

Simplificando, tal gramática, esse sistema de regras explícito, bem definido e completo, será capaz de gerar todas as (infinitas) frases da língua L sob análise - e somente as frases dessa língua.

Outras teorias linguísticas que forneçam gramáticas explícitas capazes de gerar todas as sentenças de uma língua fornecerão gramáticas gerativas dessa língua.



Atenção

O gerativismo chomskyano se distingue de outras teorias linguísticas gerativas modernas essencialmente por postular a existência de um tipo específico de regra: as transformações.

Modernamente, as transformações se traduzem pela regra de deslocamento de constituintes. Uma regra de deslocamento serve para dar conta de sentenças.



Exemplo

Quem o Mário encontrou na livraria? Na sentença, o pronome interrogativo “Quem” é um objeto direto (complemento do verbo), mas não está na posição tradicional de objeto – ele está deslocado para o início da frase. Uma maneira de lidar com o fato de o objeto direto estar em uma posição que não a dele é dizer que as regras do sistema linguístico incluem deslocamentos de constituintes, regras que movem um constituinte de uma posição para outra dentro da sentença. No exemplo, o objeto está sendo movido da posição tradicional de objeto direto, junto ao verbo, para o início da frase. Ele, portanto, continua sendo objeto direto e interpretado como tal, mas está sendo pronunciado em outra posição.

Até aqui, a gramática (ou gramática gerativa) vem sendo entendida como uma teoria linguística sobre as regras ou os princípios que geram as sentenças de determinada língua L, qualquer que seja a natureza dessa teoria.

O termo “gramática”, porém, tem outra acepção: sistema de regras ou princípios internalizados, representados na mente dos falantes de determinada língua L, aqueles que dão forma a suas sentenças e lhes permitem produzir e entender as frases dessa língua. Conhecido como gramática universal, esse conceito será trabalhado posteriormente.

Ao longo deste conteúdo, você deverá ficar bem atento, pois encontrará o termo “gramática” de maneira ambígua.

Gramática gerativa

Teoria linguística sobre o conhecimento linguístico de um falante.

Gramática universal

É o próprio conhecimento linguístico representado na mente desse falante.

Autonomia da sintaxe

Talvez a mais famosa frase de Noam Chomsky seja “*Colorless green ideas sleep furiously*”, (ideias verdes sem cor dormem furiosamente), encontrada no livro *Estruturas sintáticas*. A frase, que reúne muitas contradições semânticas, é perfeita do ponto de vista sintático.

Talvez você esteja se perguntando:

Como se dorme furiosamente?

Como uma ideia pode dormir?

Como um substantivo abstrato colorido é sem cor ao mesmo tempo?

Os falantes de inglês sabem que essa frase não viola nenhuma regra sintática e conseguem inclusive atribuir o contorno prosódico correto à sentença (a entoação correta à frase), embora a sentença não tenha nenhum sentido. Veja que, se a sequência fosse *Ideas furiously colorless sleep green*, os falantes de inglês saberiam não se tratar de uma sentença de sua língua e não conseguiriam atribuir o contorno prosódico certo a ela.

Se a sintaxe de uma sentença não fosse independente de seu significado, esperaríamos que os falantes do inglês considerassem a famosa frase de Chomsky malformada ou, pelo menos, anômala do ponto de vista estritamente sintático. Mas não é isso que acontece.

O exemplo nos mostra que a baixa frequência de uma frase tampouco influencia o julgamento do falante: a frase de Chomsky era completamente nova para os leitores da época; portanto, sua frequência de uso era zero. Mesmo assim, os falantes não a julgavam anômala ou malformada do ponto de vista estritamente sintático.

A conclusão que se tira a partir dessa discussão é que a sintaxe é autônoma, ou seja, não é derivada ou redutível ao significado, nem está sujeita à frequência. Por outros termos: não é o significado que determina a natureza e a forma das regras sintáticas. Tampouco é a familiaridade com uma frase que nos diz se ela é bem ou malformada sintaticamente.

Competência e desempenho

Os conceitos de competência e desempenho aparecem no livro *Aspectos da teoria da sintaxe*, de Chomsky, publicado pela primeira vez em 1965 (tendo uma edição portuguesa traduzida de 1975). Esse livro traz, em seu primeiro capítulo, uma série de conceitos que permanece até hoje.

Esses conceitos são importantes não só para os gerativistas, como também para os seus críticos. Trataremos dos principais a seguir.

Competência

É simplesmente o conhecimento especificamente linguístico, internalizado, que um falante adulto possui de determinada língua L, o conhecimento de uma gramática específica, que caracteriza única e explicitamente todas as sentenças dessa língua L. Tal conhecimento inclui o conjunto de regras ou princípios particulares que constitui essa gramática (regras sintáticas, fonológicas, propriedades do vocabulário etc.).



Exemplo

Uma regra que os falantes de todas as variedades de português conhecem e que, portanto, faz parte de sua competência é aquela que estabelece que os artigos, definidos ou indefinidos, submetem-se à flexão de gênero e número (isso não é uma propriedade de qualquer língua; no inglês, por exemplo, os artigos não apresentam flexão).

Outro exemplo de conhecimento linguístico particular que possuímos sobre a nossa língua é o do princípio que nos permite omitir objetos (complementos) de verbos quando esses objetos são tópicos discursivos (aquilo de que se fala no discurso).

Observe o diálogo a seguir:

A

Você sabe onde está aquela caneta com várias cores que eu comprei ontem?

B

Eu tinha deixado Ø em cima da escrivaninha. Você já viu Ø lá?

No diálogo anterior com os falantes A e B, o objeto direto (indicado com um Ø) do verbo não está expresso nas sentenças de B, mas é recuperado do contexto (é aquilo de que se fala). De maneira interessante, o apagamento do objeto é proibido em línguas, como, por exemplo, o inglês ou o francês (é preciso que haja um pronome na posição de objeto), mesmo quando se trata de um tópico do discurso.

Os modelos linguísticos que a gramática gerativa tem formulado ao longo dos anos são todos modelos de competência, isto é, procuram caracterizar aquilo que os falantes sabem sobre essa língua, incluídas aí as propriedades que ela compartilha com todas as outras.

Os modelos gerativos são, portanto, modelos do que os falantes sabem sobre sua língua, e não do que fazem com esse conhecimento.

Desempenho

É o uso que o falante faz de sua competência linguística. Ao contrário da competência, que é um conjunto de representações mentais estáveis (um estado da mente, uma propriedade sua), o desempenho é afetado por inúmeros fatores.

Muitos fatores não são linguísticos, como limitações de memória, dificuldades no processamento sentencial, indecisões e reelaborações, entre outros elementos imponderáveis do contexto, da situação de uso. Por isso, o desempenho pode não refletir perfeitamente a competência, ainda que dependa dela.

É interessante perceber que os dados linguísticos que a criança recebe na fase de aquisição da língua são retirados do desempenho dos falantes ao seu redor, mas o desempenho deles frequentemente não reflete de forma perfeita sua competência. Isso, entretanto, não impede que as crianças adquiram a língua falada por essas pessoas que estão no seu entorno.



Língua-E e língua-I

Língua-E e língua-I

No livro *Conhecimento linguístico: sua natureza, origem e uso*, publicado em 1986, Chomsky apresenta dois conceitos fundamentais: língua-E e língua-I.

Língua-E (língua externa)

É a língua em sua dimensão sociológica, política e até histórica: a língua não individual. Exemplos de língua-E: a língua portuguesa objeto de acordos ortográficos, exigida em concursos públicos, ensinada nas gramáticas normativas; a própria noção de língua cunhada por Saussure no Curso de Linguística Geral; os dados linguísticos que os adquirentes de uma língua recebem na fase de aquisição (as produções linguísticas dos falantes no seu entorno). A língua-E, ao contrário da língua-I, apresenta dificuldades para estabelecer descrições científicas ou filosóficas sobre sua natureza ou para responder a questões, como, por exemplo, sobre onde ela se localiza.



Língua-I (língua interna ou individual)

Língua interna é a gramática (sistema de regras ou de princípios) internalizada pelo falante como resultado do processo de aquisição. Trata-se de um conceito que, em grande medida, confunde-se com o de competência, pois caracteriza o corpo de conhecimentos estritamente linguísticos que o falante adulto detém da língua que usa. Podemos pensar que a língua-I seja um estado da mente de um falante, sendo considerada uma condição estável, isto é, que não sofre mudanças importantes depois de atingida. Chomsky (1994) afirma que a língua-I é um objeto legítimo de investigação científica que permite uma investigação sistemática. Isso ocorre porque a língua-I constitui algo que indiscutivelmente existe na mente de um falante, sendo um estado dessa mente, que pode ser descrita.



Componentes de uma gramática gerativa chomskyana

Os linguistas **estruturalistas** já haviam percebido, antes mesmo de Chomsky, que a única maneira de fazer uma descrição adequada e útil de determinada língua seria dividir essa descrição em níveis. Assim, uma língua poderia ser descrita, por exemplo, em seu nível fonológico ou no morfossintático.

Estruturalistas

São teóricos vinculados ao estruturalismo linguístico, corrente que se inicia com Ferdinand de Saussure e seu entendimento de que a língua é um sistema articulado no qual seus elementos se concatenam por meio de correlações e oposições. Cada elemento tem seu valor a partir de sua posição no sistema ou na estrutura. Assim, fonemas, morfemas e sintagmas se combinam em diferentes níveis para formar a estrutura da língua.

A gramática gerativa propõe uma divisão em, pelo menos, três níveis: sintático, fonológico e semântico-pragmático.

No livro *Aspectos da teoria da sintaxe*, Chomsky (1975) defende que tais níveis de descrição correspondem a componentes de uma teoria das competências linguísticas. Ou seja, nossa competência linguística é organizada de tal modo que ela reconhece, pelo menos, três tipos de regras (ou de princípios): sintáticas, fonológicas e semânticas.

Desse modo, a teoria do conhecimento linguístico dos falantes (de sua competência) tem o seguinte desenho simplificado:



Esquema simplificado da teoria do conhecimento linguístico dos falantes.

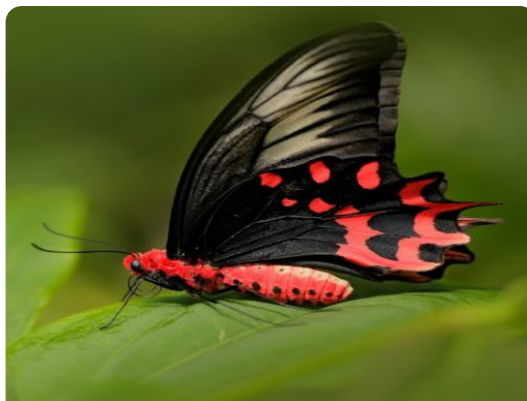
Como vimos na imagem anterior, Chomsky (1975) impõe uma organização lógica entre tais componentes, havendo uma assimetria entre elas: a sintaxe é a componente central, responsável pela combinação dos itens para a geração de sentenças, enquanto a componente fonológica e a semântica são interpretativas, já que simplesmente interpretam o que a componente central, a sintaxe, gera.

Chomsky (1975) argumenta que a sintaxe precisa ter precedência lógica sobre a fonologia e a semântica, pois a estrutura sintática define a estrutura fonológica e o significado de uma sentença. Assim, as setas saem da sintaxe para as outras componentes da gramática, mas não há setas apontando tais componentes de volta para a sintaxe nem ligando a fonologia à semântica.

No caso da fonologia, a maneira como os constituintes estão organizados sintaticamente na frase nos diz como será a distribuição de acentos e a prosódia da sentença.

As línguas costumam evitar choques de acentos. Ou seja, evitam que sílabas de acento forte fiquem imediatamente adjacentes a outras de acento forte e que sílabas de acento fraco fiquem imediatamente adjacentes àquelas de acento fraco.

A estrutura fonológica de uma única palavra e de uma sequência de palavras procura, portanto, alternar as sílabas fortes com as fracas. Na palavra “borboleta”, há: uma sílaba forte, bor, com um acento secundário (uma espécie de tônica um pouco mais fraca); uma sílaba fraca, bo; a sílaba mais forte de todas, que é a tônica da palavra, le; e, por fim, outra sílaba fraca, ta. Veja que ocorre uma alternância, evitando os choques de acentos mencionados (SANDALO; TRUCKENBRODT, 2002).



Verifique um exemplo com sequência de palavras:

Ajuste

Ao pronunciarmos o constituinte nominal “**café quente**”, fazemos um ajuste para evitar que as sílabas tônicas **fé**, de “café”, e **quen**, de “quente”, fiquem juntas.

Deslocamento

Para isso, fazemos o deslocamento do acento de **fé** para **ca** na palavra “**café**”. Trata-se da retração do acento.

Transferência

Sendo assim, pronunciamos **cáfe**, e não **café**. Com a transferência de acento, criamos a alternância e evitamos o choque.

Fala

Desse modo, **ca** fica forte com o deslocamento; **fé** fica fraca; **quen** continua forte; e **te** continua fraca.

No entanto, o interessante sobre essa regra fonológica, que ajusta os acentos para evitar o choque, é que ela leva em conta a estrutura sintática, não se aplicando sob certas circunstâncias. Por exemplo, na frase “café queima”, não fazemos a transferência do acento para a primeira sílaba de café, apesar de, não transferindo o acento, ficarmos com duas sílabas fortes (tônicas) adjacentes.

Veja a explicação acerca desse exemplo:



Café quente

Um choque acontece dentro de um constituinte nominal, que define um sintagma fonológico (uma unidade da estrutura prosódica de uma sentença), e a regra que desloca o acento se aplica.



Café queima

Um acento se encontra no constituinte nominal sujeito da sentença (“café”, que será um sintagma fonológico), e o outro acento está no predicado (“queima”, que é outro sintagma fonológico). Nesse caso, o choque acontece na fronteira entre dois sintagmas fonológicos, e a regra não se aplica.

No fim das contas, o que encontramos, portanto, são regras fonológicas que precisam “ver” a estrutura sintática. Com isso, a componente sintática tem de preceder a fonológica.

No lado da semântica, fica claro que a interpretação que damos a uma frase é crucialmente dependente da estrutura sintática dela. Isso mostra que a componente sintática também deve preceder a componente semântica em nossa competência, como no caso de “café quente”.

O mesmo caso, porém, não expressa o que fazemos quando formulamos ou processamos sentenças. Não se trata, afinal, de um modelo de desempenho, como já dissemos. O que ele expressa é o que o falante sabe sobre sua língua – ou seja, repetindo, é um modelo de competência.

Gramática gerativo-transformacional

O vídeo a seguir traz importantes comentários sobre a gramática gerativo-transformacional.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

Conceito de competência de Chomsky



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Conceito de desempenho de Chomsky



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Assinale a alternativa que descreve corretamente um conceito pertencente ao gerativismo.

A

A competência nomeia um conjunto de conhecimentos inatos que corresponde à gramática internalizada ao final do processo de aquisição da língua.

B

A língua-I é um conjunto de conhecimentos especificamente gramaticais externado pelo falante, caracterizando a faculdade da linguagem ligada à alfabetização.

C

O desempenho de um falante ao usar sua língua não pode ser afetado por fatores diversos, pois se trata de habilidade restrita aos conhecimentos linguísticos.

D

A gramática gerativa é um conjunto de habilidades não inatas que promove a aquisição da língua, correspondendo ao conceito de desempenho.

E

O conjunto de habilidades que contribui para a aquisição de uma língua é denominado competência, sendo um aparato inato.



A alternativa A está correta.

A competência é o conjunto de conhecimentos estritamente linguísticos internalizados, isto é, a gramática internalizada ao final do processo de aquisição pelos falantes de uma língua. Não se trata de um conjunto de habilidades ou faculdades que facilita a aquisição de uma língua. A noção de competência, de influência racionalista, jamais seria definida em termos de habilidades ou capacidades constituintes de um aparato inato que facilitam ou possibilitam a aprendizagem. A visão racionalista defende conhecimentos inatos, não capacidades ou habilidades inatas, ainda que elas possam existir.

Questão 2

A teoria linguística que trata das regras ou dos princípios que geram as sentenças de determinada língua, assim como da possibilidade de as línguas apresentarem sentenças cujos constituintes podem ser deslocados ou pronunciados em lugares diferentes, é uma descrição "da":

A

Gramática normativa ou prescritiva.

B

Gramática gerativo-transformacional.

C

Gramática universal.

D

Dicotomia competência/desempenho.

E

Gramática estruturalista



A alternativa B está correta.

A gramática gerativo-transformacional corresponde ao conceito relacionado tanto às regras que permitem a produção ou geração de frases possíveis em determinada língua quanto às regras de transformação ou deslocamento de um constituinte da frase para uma posição que não é a convencional.

Concepção de gramática universal

A gramática universal é o estágio inicial da faculdade da linguagem, como já mencionamos anteriormente. A essa altura, você talvez esteja se perguntando:

Mas o que está incluído na gramática universal, uma vez que esse estado inicial não é uma “folha de papel em branco” (*tabula rasa*)?

Nas décadas de 1960 e 1970, Chomsky e os gerativistas defendiam que as línguas eram sistemas de regras particulares.

Assim, as regras seriam aprendidas pelos falantes a partir dos dados, mas a gramática universal, o estado inicial da faculdade de linguagem na mente deles, fornecia aos indivíduos certas restrições sobre os tipos de regras linguísticas possíveis.



Atenção

Uma das restrições mais importantes é: as regras das línguas nunca levam em conta (pelo menos não somente) a ordem das palavras numa sentença, mas uma estrutura de constituintes subjacente a essa ordem (uma estrutura de fato hierárquica, em que constituintes estão contidos em outros constituintes).

O que isso significa? Vejamos o caso clássico da posição do auxiliar do inglês em perguntas polares.

Perguntas polares

Perguntas cujas respostas são sim ou não.

No inglês, a sentença declarativa em (A) tem uma versão interrogativa em (B), em que John e o auxiliar na terceira pessoa, *has* (tem, em português), trocam de ordem. Observe:

A

John has read a book.

B

Has John read a book?

Uma regra para a formação da interrogativa em (B) perfeitamente compatível com (A) seria: para formar uma interrogativa polar, ou seja, uma pergunta cuja resposta seja “sim” ou “não”, em inglês, inverta a ordem do primeiro verbo auxiliar que aparece na sequência de palavras da contraparte declarativa com o que vem antes desse verbo.

A regra diz, então, para tomar o primeiro verbo em (A), *has*, e invertê-lo de posição com o que vem antes, John, para gerar (B). Observe que essa é uma regra que só olha para a ordem dos elementos na frase – procura o primeiro verbo auxiliar na sequência de palavras.

A frequência de perguntas polares nas conversas dos falantes de inglês é muito baixa; a maioria absoluta das ocorrências de perguntas polares é perfeitamente compatível com a regra enunciada acima. Trata-se, portanto, de uma regra que descreve a maioria absoluta dos dados que supostamente uma criança receberia na fase de aquisição.

No entanto, essa não é a regra correta.

Se ela se aplicar à frase (A) a seguir, por exemplo, tomará o verbo auxiliar *be* na terceira pessoa do singular, *is* (é, em português), e não o verbo *has*, gerando a saída incorreta em (B). A pergunta polar correta é apresentada em (C).



A

The lad who is singing has read a book.

O rapaz que está cantando leu um livro.

B

Is the lad who singing has read a book?

Sentença inaceitável do ponto de vista gramatical.

C

Has the lad who is singing read a book?

O rapaz que está cantando leu um livro?

Algumas perguntas emergem dessa discussão:

1. Por que a língua inglesa não possui a regra baseada somente na ordem como a postulada acima?
2. Se a regra proposta acima é compatível com a imensa maioria dos dados, por que as crianças em fase de aquisição nunca cometem erros em seu comportamento linguístico compatíveis com tal regra?
3. Por que as crianças nunca produzem coisas como (B) durante a fase de aquisição?
4. Por que elas nunca supõem uma regra baseada somente na ordem das palavras, já que ela é compatível com a imensa maioria dos dados – e é mais simples do que a regra verdadeira?

A resposta de Chomsky a tais perguntas será a seguinte:



Comentário

Porque o estado inicial da faculdade da linguagem, a gramática universal, só admite regras dependentes de estrutura, e nunca aquelas exclusivamente dependentes da ordem linear dos itens. Ou seja, nossa mente já vem equipada com o conhecimento de que as regras nas línguas naturais devem levar em conta estruturas hierárquicas de constituintes na sua formulação, mas não exclusivamente a ordem das palavras na sentença. A regra correta envolve uma noção estrutural, a de sujeito sentencial, uma categoria que pode incluir até outro verbo dentro de si em uma oração relativa, como vemos em (A), e a inversão se dará entre o auxiliar que concorda com o sujeito e esse sujeito, como verificamos em (C).

Até o final dos anos 1970, os gerativistas supunham que a gramática universal incluísse um conhecimento sobre os tipos de regras linguísticas possíveis, e não o conhecimento das regras particulares das línguas em si, que só poderiam ser aprendidas a partir dos dados linguísticos, como é o caso da regra de inversão do auxiliar inglês que discutimos acima. Tratava-se de um conhecimento sobre as categorias universais, como nomes e verbos, e de um critério para a avaliação de gramáticas alternativas em relação aos dados linguísticos disponíveis.

Essa dotação facilita a aquisição da linguagem, pois diminui o número de hipóteses que a criança precisa formular na aquisição das regras de uma língua.

Mas o que isso quer dizer?

Lembre-se do exemplo anterior, da inversão do auxiliar do inglês em perguntas polares.



Resumindo

Como as crianças em fase de aquisição já sabem que as regras devem fazer referência à estrutura de constituintes, e não somente à ordem das palavras, elas não formularão uma regra que procura pelo primeiro verbo numa sequência de itens (como a regra errada que propusemos antes) nem precisarão confrontar essa regra com os dados relevantes – os quais, nesse caso, são escassos – para excluí-la. Ora, com menos regras para testar, seu trabalho é diminuído de maneira drástica.

Ao longo da década de 1970, os linguistas gerativistas, estudando diversas línguas diferentes, perceberam que muitas regras que eles propunham para descrevê-las compartilhavam princípios bastante abstratos. Era comum que, nessas pesquisas, conjuntos de regras fossem substituídos por princípios mais gerais nas descrições que esses linguistas faziam.

Eles ainda perceberam que esses princípios, bastante abstratos e gerais, estavam presentes em todas as línguas ou variavam de forma limitada entre elas.

Desse modo, a concepção de língua como conjunto de regras particulares começou a ser substituída pela de língua como conjunto de princípios com a possibilidade de variação paramétrica (princípios universais da linguagem presentes com alguma variação em diferentes línguas). A gramática universal, o estado inicial da faculdade da linguagem, passa, portanto, a ser entendido de outro modo: ela incluirá tanto princípios universais (que valem para todas as línguas, como é o caso da restrição sobre regras discutida acima) quanto princípios que variam de maneira restrita, os parâmetros.



Os dados linguísticos disponíveis na fase de aquisição mostram às crianças como elas devem fixar esses parâmetros. Uma língua-I será essencialmente uma combinação específica de fixações paramétricas, sendo atingida ao final da fase de aquisição.

Gramática universal: princípios e parâmetros

O livro *Lectures on government and binding*, publicado em 1981, reúne um conjunto de palestras ministradas dois anos antes por Noam Chomsky na Universidade de Pisa. Baseado em estudos realizados por vários linguistas confrontando famílias de línguas, o autor conduz uma discussão bastante detalhada sobre o parâmetro **pro-drop** e suas consequências.

pro-drop

Redução da expressão inglesa pronoun-dropping para se referir à possibilidade de omitir o sujeito numa sentença.

Esse livro é considerado um marco inicial da teoria de princípios e parâmetros, redefinindo os significados de língua, gramática e gramática universal.

Talvez você esteja se perguntando:

O que é o parâmetro *pro-drop*? O que é parâmetro? O que é princípio?

Um princípio será uma propriedade universal, que é encontrada em todas as línguas. Um importante princípio das línguas naturais humanas (talvez a sua propriedade mais importante) é o do encaixe, que dá conta da chamada recursividade linguística.

Quanto aos constituintes, o princípio do encaixe nos diz que podemos encaixar um dentro do outro. Nos exemplos a seguir, encaixaremos orações relativas (entre colchetes) dentro de orações relativas:

A

Pedro arrumou um gato.

B

Pedro arrumou um gato [que só gosta de comida enlatada].

C

Pedro arrumou um gato [que só gosta de comida enlatada [que seja importada do Japão]].

Podemos encaixar subordinadas dentro de subordinadas, como você pode ver a seguir:



Exemplo

Pedro disse [que Maria contou [que Augusto concluiu [que Manuela acredita [que a vida é bela]]]].

Apesar de restrições em uma ou outra construção específica, todas as línguas admitem algum tipo de encaixe – e, por isso, trata-se de um princípio, uma propriedade universal.

O princípio do encaixe é muito importante, pois permite que as línguas humanas usem meios finitos (um número finito de palavras e de princípios ou regras de combinação dessas palavras) para gerar um número infinito de sentenças.

Outro exemplo de princípio é o **princípio C da teoria da ligação**. Observe as sentenças a seguir.

A

Ele disse que João tomou sorvete na praça.

B

João disse que ele tomou sorvete na praça.

Na sentença **A**, o pronome **ele** não pode referir-se a **João**, mas, na sentença **B**, pode.

A restrição em **A** é uma propriedade universal das línguas: será verificada tanto no português quanto no chinês, assim como no *kaingang* (língua indígena brasileira do tronco *Jê* falada em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Também é uma restrição que não faz referência à ordem dos constituintes, apesar de parecer que sim – atendendo, portanto, à exigência de que regras ou restrições sempre se apliquem sobre constituintes hierarquicamente organizados.

Observe esta sentença:

O rapaz que o viu disse que João tomou sorvete na praça.

Veja que, na sentença anterior, o pronome átono **o** vem antes do nome próprio João; no entanto, a **correferência** entre o pronome **o** e o nome próprio **João** é permitida. Logo, não é o fato de o pronome vir antes do nome que proíbe a correferência.

Você verá mais sobre esse princípio adiante, mas é importante mostrar, com os dois exemplos citados, que há leis universais às quais as línguas obedecem independentemente das culturas a que essas línguas estão ligadas ou de suas histórias. Essas leis serão chamadas de princípios.

O conceito de parâmetro

O que é parâmetro pro-drop

Vamos tratar do conceito de parâmetro, procurando compreender o que é o parâmetro *pro-drop*.

Algumas línguas, como o inglês e o francês, não permitem orações sem um sujeito expresso (desde que o verbo não esteja no modo imperativo). Isso quer dizer que sempre deve haver um sujeito expresso na sentença, mesmo que ele não se refira a nada.

Na sentença em inglês a seguir, cujo verbo descreve um fenômeno da natureza, há um pronome neutro, *it*, como sujeito da sentença. Esse pronome não se refere a nada no mundo; está lá somente para realizar uma função sintática obrigatória.

A mesma exigência não se aplica ao português e ao espanhol, como vemos em (B) e (C), em que a mesma frase é dita em três idiomas diferentes:

A

It rained a lot yesterday.

B

Choveu muito ontem.

C

Ayer llovió mucho.

Uma língua *pro-drop* permite (obriga, em certos casos), portanto, que a função sintática de sujeito fique sem uma expressão fonológica para ela. Línguas que não são *pro-drop*, como o francês e o inglês, não o permitem.



Atenção

A propriedade *pro-drop* traz consigo outras propriedades para o sistema linguístico. Por exemplo, elas permitem a posposição do sujeito (Chegou a encomenda ainda há pouco); as que não são *pro-drop* não permitem.

É importante entender que, segundo a teoria de princípios e parâmetros, o estado inicial da faculdade de linguagem dos seres humanos, sua gramática universal, é dotado de um princípio relativo à realização dos sujeitos das sentenças nas línguas e que esse princípio tem duas opções paramétricas: ou uma língua é *pro-drop*, ou não.

O adquirente da língua (a criança em fase de aquisição) conhecerá previamente essas duas opções e fixará uma ou outra a depender dos dados que receber: se perceber que a língua que está adquirindo tem muitas frases sem o sujeito expresse, ou com posposição do sujeito, ou com expletivos nulos, entre outras coisas, ela fixará *pro-drop* positivamente; se não encontrar nenhuma dessas coisas ou encontrar muito poucos exemplares delas, vendo-as somente em construções marcadas, ela fixará o parâmetro *pro-drop* negativamente.



Parâmetro da ordem entre núcleo e complemento

Outro parâmetro é o da ordem entre núcleo e complemento. Ele nos diz qual é a ordem entre núcleos e complementos de constituintes sintáticos que uma língua apresenta.

Mas você deve estar se perguntando:

O que é um núcleo de um constituinte sintático?

Os constituintes sintáticos têm sempre um elemento que “pede” outros e que define qual é a categoria do constituinte inteiro.



Exemplo

Um verbo transitivo pede um complemento verbal, um objeto, e a combinação desse verbo com seu complemento será um sintagma verbal. Uma preposição pede um complemento, um objeto (ela nunca pode ocorrer sozinha), e a combinação dessa preposição com seu complemento será um sintagma preposicional, e assim por diante.

O que o parâmetro da ordem atesta é o seguinte: ou os núcleos estão à direita dos complementos, ou à esquerda deles. O português é uma língua de núcleo à esquerda; já o japonês, à direita.

Ou seja, no português, verbos e nomes ficarão à esquerda de seus complementos; conjunções, à esquerda das orações; e auxiliares, à esquerda dos verbos principais. Além disso, haverá preposições. Já no japonês, essas ordens serão todas invertidas, havendo posposições, e não preposições. Esse parâmetro tem impacto dramático na ordem final dos constituintes na sentença.

Apresentaremos a seguir uma sentença em português e como ela seria na ordem de uma língua com o parâmetro da ordem fixado de outro modo, como acontece no japonês:

A

Pedro perguntou se João tinha tomado sorvete.

B

Pedro João sorvete tomado tinha se perguntou.

Mais uma vez, o valor do parâmetro será fixado a partir dos dados. A criança em fase de aquisição sabe que todo constituinte sintático tem um núcleo e que a relação linear entre o núcleo e o complemento se apresentará numa das duas opções acima (dois conhecimentos inatos fornecidos pela gramática universal). Identificando os núcleos dos constituintes e seus complementos, ela conseguirá fixar o parâmetro com poucos dados linguísticos.



Atenção

A presença de dois parâmetros na gramática universal possibilita a existência de quatro línguas distintas. Cada língua (gramática) particular será uma combinação específica de fixações paramétricas. Se todos os parâmetros tiverem somente duas opções, o número de gramáticas possíveis será calculado pela fórmula simples dois elevado ao número de princípios com opções paramétricas fornecido pela gramática universal.

Assim, se a gramática universal incluir, digamos, 20 parâmetros, ela possibilitará a existência de, pelo menos, 1.048.576 gramáticas (línguas) distintas. Hoje, mais ou menos 6 mil línguas distintas são faladas no mundo inteiro.

Princípios e parâmetros

Assista ao vídeo a seguir com comentários sobre princípios e parâmetros e exemplos do parâmetro *pro-dop*.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

O que é gramática universal



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

O conceito de língua e gramática universal



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Assinale a afirmação compatível com as concepções de gramática universal apresentadas neste módulo e propostas pela teoria gerativa em linguística.

A

Conjunto de possibilidades sobre os tipos de regras da gramática normativa.

B

Estado inicial da faculdade da linguagem rico em estrutura.

C

O estado atingido pela faculdade da linguagem ao final do processo de aquisição.

D

O estado da faculdade da linguagem referente às regras de uma língua específica.

E

O estado da faculdade da linguagem que corresponde a dados concretos de um idioma.



A alternativa B está correta.

A gramática universal não é o estado final do processo de aquisição da linguagem (uma língua particular), mas o seu estado inicial, anterior aos estímulos linguísticos e à fixação dos parâmetros (ou à aquisição dos sistemas de regras das línguas particulares). Essa gramática é o estado da faculdade da linguagem que contém virtualmente todas as línguas e gramáticas possíveis.

Questão 2

Analise as afirmativas a seguir considerando que, na gramática universal, um **princípio** é uma propriedade universal encontrada em todas as línguas e um **parâmetro**, uma variação ou restrição desse princípio em determinadas línguas.

I. Na frase “*It rained a lot yesterday*”, ocorre o parâmetro *pro-drop* (supressão do sujeito).

II. Na frase “Choveu muito ontem”, há o exemplo de ocorrência do parâmetro *pro-drop*.

III. Em “*Ayer llovió mucho*”, acontece a omissão do sujeito.

Está correto apenas o que se afirma “em”:

A

I.

B

II.

C

III.

D

I e II.

E

II e III.



A alternativa E está correta.

A afirmativa I está errada, porque ela contém um exemplo de língua que não apresenta o parâmetro *pro-drop*, já que o inglês obriga a presença do sujeito na sentença. No caso, o sujeito é o "*it*", mesmo sendo um pronome neutro. As afirmativas II e III estão corretas, pois reconhecemos nelas o parâmetro *pro-drop* pelo fato de o sujeito ser omitido.

O argumento da pobreza de estímulo

O argumento da pobreza do estímulo fundamenta a orientação racionalista no estudo da aquisição da linguagem humana. Ele se baseia no fato de que os conhecimentos linguísticos que os falantes adultos têm de sua língua excedem bastante as informações contidas nos dados linguísticos a que eles foram expostos durante a aquisição dessa língua.

De maneira mais precisa, a questão é que várias gramáticas diferentes (diversos sistemas de regras ou de princípios diferentes) são compatíveis com os dados que servem de estímulos linguísticos primários para as crianças em fase de aquisição. Se os falantes, portanto, só aprendessem a partir dos dados linguísticos, esperaríamos que eles não atingissem consistentemente a gramática da língua falada no entorno. No entanto, eles atingem essa gramática.



Resumindo

Ninguém pode aprender uma gramática somente a partir da experiência.

Para que essa ideia fique mais clara, retomemos o **princípio C da teoria da ligação**, visto anteriormente quando estudávamos a noção de princípio na gramática universal. Vamos também retomar os mesmos exemplos:

A

Ele disse que João tomou sorvete na praça.

B

João disse que ele tomou sorvete na praça.

Como você viu antes, algo impede a correferência entre o pronome e o nome próprio “João” em **A**, ou seja, “ele” e “João” não se referem à mesma pessoa. No entanto, em **B**, existe a correferência, pois “João” e “ele” se referem à mesma pessoa.

O problema relevante aqui é que os dados linguísticos primários recebidos pelas crianças em fase de aquisição são compatíveis tanto com uma gramática que não inclua o princípio C quanto com uma gramática que o inclua.

Mesmo que as crianças em fase de aquisição não encontrassem situações em que “ele” e “João” se refiram à mesma pessoa em sentenças semelhantes à sentença **A**, nada as obriga a supor que essa correferência não poderá acontecer em outros contextos de fala, ou com verbos novos para ela, ou qualquer outra coisa que possamos imaginar.

Contando somente com os dados linguísticos (positivos) que recebe, a criança jamais terá elementos suficientes para aprender que a falta de correferência observada em frases semelhantes à **A** decorre de uma restrição que, independentemente do contexto, vale sempre.

Argumento da pobreza de estímulo na aquisição da linguagem

Observe neste vídeo comentários importantes sobre o argumento da pobreza de estímulo na aquisição da linguagem.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Além do argumento da pobreza de estímulo em aquisição da linguagem

A tese nativista (ou inatista) é também reforçada por diversos achados observacionais e experimentais em aquisição da linguagem.

A primeira coisa que se observa é a seguinte: a produção linguística das crianças em fase de aquisição não é mera imitação do comportamento linguístico dos adultos. Ela está sujeita a limitações de seu estágio, isto é, da fase correspondente em que a criança está na aquisição.



Exemplo

As crianças muitas vezes regularizam flexões de verbos irregulares e produzem formas como “Eu sabo”, ainda que nunca tenham ouvido tal forma regular em seu ambiente linguístico. Logo, elas não estão imitando o comportamento de alguém nesse caso.

Além disso, mesmo que tentem imitar os adultos, as crianças estão limitadas pela fase de aquisição na qual se encontram. Se, em determinada fase da aquisição, elas usarem de modo inconsistente (ou simplesmente não usarem) preposições, conjunções e verbos auxiliares, continuarão a fazer isso mesmo ao tentar reproduzir a frase de um adulto com todos esses itens.

As crianças tampouco aprendem as formas corretas de sua língua por meio de correções dos adultos, as quais, na visão dos behavioristas, seriam reforços negativos a determinados tipos de comportamentos linguísticos.

Você deve estar se perguntando:

Você deve estar se perguntando:

Por que isso acontece?

Observe os aspectos descritos na sequência e entenda esses comportamentos linguísticos:

Correção de aspectos formais

Em primeiro lugar, os adultos não costumam corrigir aspectos formais, erros gramaticais das sentenças que as crianças produzem, mas corrigem essencialmente os problemas na expressão de suas mensagens. Ou seja, as correções são muito mais voltadas para o que elas queriam dizer e não conseguiram do que para o fato de não terem usado um auxiliar correto ou de terem criado uma flexão verbal inesperada.

Além disso, é comum que as crianças não deem atenção a esse tipo de correção. Não é implausível imaginar que, ao corrigir uma criança que disse “**Eu sabo**”, explicando para ela que não é “**Eu sabo**”, e sim “**Eu sei**”, ela responda: “**Não, mamãe, sou eu que sabo!**”.

Janelas de aquisição

Em segundo lugar, um fato atestado experimentalmente em aquisição infantil são os períodos críticos. Uma gama de estudos experimentais mostra coisas extraordinárias sobre as janelas de aquisição de tipos específicos de conhecimentos linguísticos.

A existência de tais janelas sugere um programa biológico de desenvolvimento da aquisição da linguagem em interação com os estímulos linguísticos recebidos e reforça obviamente a tese nativista.

Tipos universais linguísticos

Em terceiro lugar, é preciso dizer que a existência de determinados tipos universais linguísticos favorece a visão nativista. Tomemos mais uma vez o princípio C da teoria da ligação como exemplo.

Não há qualquer impedimento lógico para a existência de uma língua cuja gramática viole esse princípio em algum recanto ou capital do mundo. No entanto, nenhuma língua estudada até agora faz isso. A única resposta plausível para tal é que o princípio C é uma propriedade da espécie humana; portanto, nenhuma língua natural humana o violará.

Outras evidências biológicas

Em quarto e último lugar, existem as seguintes evidências para a existência de um estado inicial rico da faculdade da linguagem e talvez de um programa biológico de desenvolvimento específico para essa cognição específica, complementando o argumento da pobreza do estímulo:

- Mesmo quando as condições de exposição aos dados linguísticos são restritas ou anormais, a aquisição de uma língua sempre acontece com crianças normais;
- Essa aquisição obedece aos mesmos estágios independentemente da língua-alvo, isto é, independentemente de a criança estar no processo de aquisição do português, do alemão, do árabe ou do japonês;
- A aquisição é relativamente rápida e eficaz.

Gramática universal e aquisição da linguagem

Como vimos anteriormente, o estado inicial da faculdade da linguagem, chamado na literatura gerativista de gramática universal, é bastante rico. Isso facilita a aquisição de qualquer língua natural humana, justamente porque todas as línguas possíveis (gramáticas) já existem, pelo menos virtualmente, na mente dos seres humanos desde o nascimento.

Conduzidos por pesquisadores norte-americanos, vários estudos experimentais com crianças apresentam resultados importantes para a visão nativista - em particular, para a teoria de princípios e parâmetros.



Curiosidade

Algo interessante apontado por esses estudos é que os “erros” cometidos pelas crianças em fase de aquisição são, em sua maioria, “acertos” em outras línguas.

Já se sabia que os erros das crianças são bastante restritos. O dado relevante das pesquisas de autores norte-americanos, como, por exemplo, Charles Yang (2002), é que uma criança em processo de aquisição em um ambiente de falantes de inglês pode construir frases seguindo regras da gramática do chinês, por exemplo, mas nunca frases obedecendo a regras ou princípios que não encontramos em nenhuma língua.

Note que uma regra gramatical do chinês não está certamente nos dados de inglês que a criança recebe. Portanto, ela não aprende essa regra dos dados.

Yang (2002) explica esse fato usando a teoria de princípios e parâmetros:

De posse das variações paramétricas fornecidas pela gramática universal, as crianças vão atribuindo continuamente pesos probabilísticos para os valores de um parâmetro ao longo do período de aquisição com base nos dados linguísticos que recebem.

Vejamos uma situação que pode ajudar a entender essa questão.



Exemplo

Durante algum tempo, as produções linguísticas de uma criança em ambiente anglófono (falantes nativos do inglês) podem ocorrer sem sujeito exposto, como se o parâmetro *pro-drop* (que permite a omissão do sujeito) fizesse parte da língua inglesa. É interessante o fato de que todas as crianças em fase de aquisição de qualquer língua produzam sentenças sem sujeito exposto.

Segundo a teoria de Yang (2002), isso acontece porque a criança ainda não possui evidência suficiente para atribuir alta probabilidade à ligação negativa do parâmetro. Ela ainda não considera altamente provável que a sua língua seja uma que não é *pro-drop*.

A pesquisa demonstra que o espaço de erros possíveis que as crianças podem cometer durante a aquisição é restrito pela variação paramétrica fornecida pela gramática universal.

Os estágios da aquisição da linguagem e o período crítico

A aquisição é um processo uniforme entre as diferentes línguas, ou seja, o desenvolvimento independe da língua-alvo da aquisição. Observe alguns marcos importantes:

Menos de 1 ano

A partir dos seis meses de idade, as crianças balbuciam. Entre o oitavo e o nono mês, elas estão produzindo sons da língua que vão adquirir. Esses sons ainda são desprovidos de significado: algumas sílabas CV (consoante-vogal), por exemplo, vêm repetidas. É um período em que a criança restringe o seu inventário de sons – inicialmente amplo – ao dos sons da língua-alvo da aquisição. Contudo, elas já conseguem identificar a prosódia da língua que estão adquirindo e distingui-la da de outras línguas.



Entre 1 e 2 anos

Em algum momento do final do primeiro ano ou do início do segundo ano de vida, as crianças começam a produzir sentenças de uma só palavra. Esse período é chamado de estágio holofrástico. Holofrase é uma palavra com o sentido de uma frase ou sentença.



Início dos 3 anos

No início do terceiro ano de vida (aos dois anos de idade), já são produzidas sentenças curtas com mais palavras, mas ainda imperfeitas na utilização do vocabulário gramatical. Trata-se do estágio telegráfico. Nesse estágio, a produção linguística da criança envolve basicamente as palavras de classes abertas (nomes, verbos, adjetivos, advérbios). O uso de palavras funcionais (como artigos, conjunções, preposições etc.) é bastante inconsistente ou não acontece.



É interessante notar que, tanto no estágio telegráfico quanto no holofrástico, a criança demonstra que sua produção está aquém de sua competência.

No estágio em que suas frases se resumem a uma palavra somente, fica claro que as crianças querem dizer muito mais do que a palavra isoladamente veicula, como se aquela palavra *x* estivesse incluída em uma frase, como, por exemplo, “Quero *x*” ou “Faça *x*”. Além disso, experimentos controlados revelaram que elas são capazes de distinguir agentes e pacientes de sentenças simples com verbos transitivos, o que mostra claramente que sua competência linguística naquele momento excede o que elas produzem – que ainda não são frases.

O desenvolvimento gramatical das crianças ao longo do terceiro ano de vida é espantoso. Quando chegam aos três anos, elas já formam frases usando perfeitamente os itens funcionais que não usavam adequadamente; além disso, suas frases já se assemelham muito, do ponto de vista gramatical, às produzidas pelos adultos, com subordinação e outras estruturas sofisticadas.



Atenção

Além desse andamento uniforme, que é observado independentemente da língua, uma gama variada de pesquisas tem mostrado que há um período crítico para a aquisição da linguagem, cujo término se dá no início da puberdade. Segundo Lenneberg (1967), é nesse período que a lateralização cerebral se completa, ou seja, é na puberdade que o processo que leva à distribuição das funções entre os hemisférios cerebrais termina. É por isso que, entre outras coisas, danos físicos na região do cérebro responsável pela linguagem após a puberdade produzem perdas permanentes das capacidades linguísticas da vítima. Havendo, portanto, um período crítico, alguém que não tenha sido exposto a dados linguísticos nesse período não adquirirá uma gramática.

Referentes às chamadas crianças selvagens, diversos casos documentados evidenciam que, se uma pessoa não for exposta a dados linguísticos até o início da puberdade, não conseguirá internalizar uma gramática, mesmo que consiga aprender um vocabulário relativamente rico.



Exemplo

Um dos casos mais tristes e dramáticos é o da menina Genie, uma californiana mantida em cativeiro pelo pai dos 20 meses aos 13 anos de idade, sofrendo maus-tratos e ficando subnutrida e sem contato linguístico com ninguém. No caso de Genie, ela aprendeu um vocabulário variado, mas não conseguia produzir frases bem formadas com ele. De fato, a pesquisa mostrou que a linguagem que ela aprendeu se manifestava no hemisfério direito, e não no esquerdo, como acontece com a imensa maioria dos falantes de qualquer língua.

Os fatos apresentados anteriormente constituem evidências importantes a favor de um desenvolvimento biologicamente definido de uma cognição específica – a da linguagem – e favorecem uma abordagem que combina orientação racionalista com ciências naturais (e com a metodologia das ciências naturais), como é o caso da abordagem gerativa para o estudo da linguagem.

Por fim, é importante esclarecer que, mesmo tendo uma determinação biológica, a aquisição depende da experiência deflagradora. Ou seja:

Ainda que exista todo um programa biológico (uma dotação genética) seguido pela criança no processo de aquisição e mesmo assumindo que a aquisição conte com um estágio inicial bastante rico, não há aquisição sem experiência.

Dessa forma, a internalização de uma gramática resulta de uma interação complexa entre um programa biológico predefinido e especificamente linguístico e a experiência linguística.

Vem que eu te explico!

Os vídeos a seguir abordam os assuntos mais relevantes do conteúdo que você acabou de estudar.

Os estágios da aquisição da linguagem



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

A ideia do período crítico na aquisição da linguagem



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Assinale a alternativa que relaciona corretamente o conceito de gramática universal à aquisição da linguagem.

A

A gramática universal corresponde ao estado intermediário da faculdade da linguagem e atua na aquisição da língua, fornecendo regras para que cada um fale corretamente seu idioma.

B

Todas as línguas ou gramáticas possíveis existem virtualmente na mente dos seres humanos desde o nascimento. Por isso, as crianças não cometem erros nem há variação de parâmetros que devam ser considerados.

C

O estado inicial da faculdade da linguagem possui princípios e parâmetros; em relação ao parâmetro chamado *pro-drop*, observa-se que as crianças em fase de aquisição de qualquer língua produzem frases sem sujeito expresso.

D

Ainda que a faculdade da linguagem em seu estado inicial seja limitada e pobre, as crianças, quando expostas a uma língua, não cometem erros nem reproduzem frases diferentes do que ouvem dos falantes no seu entorno.

E

A construção de frases sem sujeito por parte de uma criança evidencia a necessidade de alfabetização antes da idade escolar.



A alternativa C está correta.

A gramática universal é o estado inicial da faculdade da linguagem com princípios e parâmetros. Um desses parâmetros é denominado *pro-drop*. Em línguas que não são *pro-drop*, que obrigam a expressão do sujeito, a criança acaba produzindo sentenças sem um sujeito explícito, o que evidencia uma característica universal da faculdade da "linguagem": construção de frases sem sujeito no processo de aquisição de qualquer língua.

Questão 2

Considerando o que você estudou sobre o processo de aquisição da linguagem neste módulo, assinale a alternativa correta.

A

Com seis meses de idade, as crianças já produzem, em média, todos os sons da língua que estão adquirindo.

B

No estágio holofrástico, entre o primeiro e o segundo ano, a criança passa a produzir palavra com o sentido de uma frase.

C

A aquisição é um processo não uniforme e que acontece de modo diverso nas diferentes línguas.

D

No estágio telegráfico, o uso de termos funcionais, como preposições, artigos e conjunções, já acontece perfeitamente.

E

Os estágios holofrástico e telegráfico são correspondentes ao balbucio de sons.



A alternativa B está correta.

O estágio holofrástico se caracteriza pela produção de frases de uma única palavra. Aos seis meses, a criança apenas balbucia sons. O processo de aquisição é uniforme entre as línguas. No estágio telegráfico, o uso de termos funcionais ainda é imperfeito.

Considerações finais

Você aprendeu que a linguística gerativa se propõe a descrever as línguas naturais de maneira muito precisa e acurada, além de explicar como essas línguas são adquiridas.

Um dos conceitos estudados, o argumento da pobreza do estímulo, mostra que a orientação empirista das abordagens tradicionais é insuficiente para explicar a riqueza e a complexidade dos conhecimentos linguísticos dos adultos. Por isso, o gerativismo adota uma orientação nativista ou inatista e afirma que o estado inicial da faculdade da linguagem é rico.

O gerativismo de Noam Chomsky chama de gramática universal o estado inicial da faculdade da linguagem. Atualmente, os gerativistas propõem que essa gramática inclua princípios (propriedades universais) e parâmetros (variações limitadas para alguns desses princípios). Essa proposta tem a capacidade de explicar a rapidez, a facilidade e o sucesso na aquisição da linguagem por parte das crianças, além de justificar a grande variedade das línguas do mundo.

A gramática gerativa chomskyana se mantém como uma das principais vertentes da pesquisa linguística, produzindo descrições minuciosas de línguas pouco ou muito investigadas, além de possibilitar estudos interdisciplinares com a Biologia, a Psicologia e as Neurociências.

Podcast

Para terminar, ouça este podcast com alguns pontos importantes sobre o gerativismo de Chomsky.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para ouvir o áudio.

Explore +

Leia as indicações:

Para aprofundar o conhecimento sobre aquisição da linguagem e as pesquisas desenvolvidas na segunda metade do século XX, leia o artigo *Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos*, da linguista Letícia Correa, publicado na revista Delta.

Você pode estudar mais sobre o gerativismo de Chomsky lendo o interessante artigo *Noam Chomsky e o funcionamento da linguagem: menos é mais!*, de Paulo Ângelo Araújo-Adriano e Williane Corôa, publicado no Blog de Linguística da UNICAMP.

Referências

CHOMSKY, N. **A review of B. F. Skinner's verbal behavior.** *In: Language*, 35, n. 1, 1959, p. 26-58.

CHOMSKY, N. **A review of B. F. Skinner's verbal behavior.** *In: Language*, 35, n. 1, 1959, p. 26-58.

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe.** Coimbra: Armenio Amado, 1975

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armenio Amado, 1975

CHOMSKY, N. **Estruturas sintáticas**. Petrópolis: Vozes, 2015.

CHOMSKY, N. **Estruturas sintáticas**. Petrópolis: Vozes, 2015.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. Lisboa: Caminho, 1994.

CHOMSKY, N. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. Lisboa: Caminho, 1994.

LENNEBERG, E. **Biological foundations of language**. Nova York: John Wiley, 1967.

LENNEBERG, E. **Biological foundations of language**. Nova York: John Wiley, 1967.

SANDALO, F.; TRUCKENBRODT, H. **Some notes on phonological phrasing in brazilian portuguese**. In: CSIRMAZ, A.; LI, Z.; NEVINS, A.; VAYSMAN, O.; WAGNER, M. (orgs.). *Phonological answers: MIT working papers in Linguistics*, n. 42, 2002, p. 285-310.

SANDALO, F.; TRUCKENBRODT, H. **Some notes on phonological phrasing in brazilian portuguese**. In: CSIRMAZ, A.; LI, Z.; NEVINS, A.; VAYSMAN, O.; WAGNER, M. (orgs.). *Phonological answers: MIT working papers in Linguistics*, n. 42, 2002, p. 285-310.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. Cambridge: B. F. Skinner Foundation, 1957.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. Cambridge: B. F. Skinner Foundation, 1957.

YANG, C. D. **Knowledge and learning in natural language**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

YANG, C. D. **Knowledge and learning in natural language**. Oxford: Oxford University Press, 2002.